

A BELO HORIZONTE DE CYRO DOS ANJOS

*Luciana Teixeira de Andrade**

RESUMO

Este artigo analisa as representações de Belo Horizonte em duas obras do escritor modernista mineiro Cyro dos Anjos: **O amanuense Belmiro** e **A menina do sobrado**. Em ambas, Belo Horizonte é o cenário das experiências urbanas, seja do personagem Belmiro (na obra ficcional), seja de Cyro (nas memórias). As principais representações são filtradas pela experiência anterior do escritor e do seu personagem com o ambiente provinciano das cidades do interior mineiro.

Cyro dos Anjos, ficcionista e memorialista mineiro, de reconhecimento nacional, compartilha com os principais escritores modernistas do estado a origem interiorana, a combinação das atividades de jornalista e de escritor, a opção pelo curso de Direito (Carlos Drummond e Pedro Nava são duas exceções), a carreira burocrática e, por fim, a literatura de cunho memorialista e urbano.

Os dois últimos aspectos é que motivaram este ensaio, uma vez que a moderna e jovem capital do estado de Minas Gerais nas décadas de vinte e trinta ocupa um lugar privilegiado na ficção e nas memórias de Cyro dos Anjos. A característica urbana insere sua obra em uma das tendências do modernismo internacional: as narrativas urbanas (Andrade, 1995). Já o traço memorialista é compartilhado com outros modernistas brasileiros (Santiago, 1989) e está presente não apenas nas biografias, mas em muitas obras poéticas e ficcionais nas quais os relatos de experiências vividas mesclam-se às invenções ficcionais. (Candido, 1977)

Na década de vinte, o modernismo belo-horizontino, como a própria cidade, estava no meio do caminho. O primeiro oscilava entre a radicalidade modernista que, ao buscar o novo, rompe com o passado e entre um modernismo mais conciliador, que admira o novo, mas não opta por uma ruptura radical com o passado.

* Professora Adjunta do Departamento de Sociologia – PUC Minas.

No caso da cidade, a modernidade ressen-te-se de sua extemporaneidade. Belo Horizonte nasce moderna – cidade planejada, européia – antes mesmo de a modernidade urbanística ser incorporada pelos engenheiros e arquitetos brasileiros.¹ Além disso, por ser artificial, já nasce como uma “cidade grande” a despeito de sua baixa densidade populacional. Belo Horizonte foi planejada para vir a abrigar 200 mil habitantes e, apesar do seu acelerado crescimento populacional (sua taxa geométrica de crescimento entre 1900 e 1920, 7,3%, foi a maior entre as capitais brasileiras nesse mesmo período), seus 55.563 habitantes em 1920 não eram suficientes para movimentar e encher as principais ruas da cidade, daí as imagens das ruas largas e desertas, tão recorrentes entre os modernistas. No plano social, a população interiorana que a povoou não assimilou de imediato os hábitos e a cultura urbana. Isso explica a percepção de se viver em uma cidade moderna no plano urbanístico – ainda que em certos aspectos ambigualmente – e tradicional no modo de vida e costumes.

É nesse contexto de ambivalência urbana – a cidade ao mesmo tempo moderna e tradicional – e biográfica – em que o escritor e seu personagem vivenciam o conflito entre duas pautas culturais – a da nova capital e a que eles trazem sedimentada na memória, que procurei analisar as representações de Belo Horizonte nas obras de Cyro dos Anjos.²

Cyro Versiani dos Anjos nasceu em Montes Claros, em 1906. Em 1923, aos 17 anos, mudou-se para Belo Horizonte, onde concluiu o curso secundário e, em 1932, formou-se em Direito. Desde a época de estudante exerceu as atividades de funcionário público e de jornalista. No jornal **A Tribuna** publicou, sob o pseudônimo de Belmiro Borba, as crônicas que deram origem ao seu primeiro romance, **O amanuense Belmiro**, de 1937. Em 1945 publicou seu segundo romance, **Abdias**. Como no primeiro, a ação se passa em Belo Horizonte e há muitas referências autobiográficas. Seu terceiro romance, **Montanha** (1956), tem como cenário a cidade do Rio de Janeiro, onde também viveu. Em 1963 publicou a primeira parte de suas memórias, sob o título de **Explorações no tempo**, que trata da sua infância e adolescência em Montes Claros. Em 1979, **A menina do sobrado** acrescentou a **Explorações no tempo** o relato de sua vida em Belo Horizonte. Publicou ainda um livro de poemas e um ensaio literário.

Antes de entrar no tema das representações da cidade, dois esclarecimentos são necessários. Primeiro, é importante dizer que a referida mescla entre ficção e autobiografia não deve ser confundida com a idéia de que toda obra ficcional é autobio-

¹ A reforma urbana da Capital Federal, Rio de Janeiro, tida como o marco da influência das idéias urbanísticas européias no Brasil, inicia-se em 1904, posteriormente, portanto, à construção de Belo Horizonte, que se inicia em 1894.

² Sobre o conceito de pauta cultural ver Schutz (s.d., p. 96), sobre a sedimentação das experiências, ver Berger e Luckmann (1985, p. 95) e sobre a tensão entre dois distintos conjuntos de valores esta passagem de Merton é esclarecedora: “Parece improvável que as normas culturais, depois de assimiladas, possam ser totalmente eliminadas. Qualquer resíduo que persista induzirá tensões de personalidade e conflitos com alguma medida de ambivalência”. (1970, p. 208n)

gráfica, ou que não existam fronteiras entre essas duas formas discursivas. Trata-se aqui de uma questão mais pontual: há, na obra ficcional de Cyro dos Anjos, muitos elementos autobiográficos, ainda que isso não elimine as suas características de discurso ficcional, nem a coloque no rol das autobiografias. Essa mescla também pode ser observada na autobiografia, na qual elementos ficcionais invadem o discurso da memória, como em Cyro, mas também em Nava e Drummond. (Candido, 1977)

O segundo esclarecimento é sobre o conceito de representação. Não se procurou, através da literatura, contar a história da cidade, mas analisar como Belo Horizonte foi representada, no sentido de reconstruída pela literatura de um autor modernista. No campo da sociologia, o conceito de representação pressupõe operações como as de seleção e de arranjo da realidade, o que faz com que as representações sejam sempre parciais, uma vez que não abarcam todos os elementos da realidade, e arbitrárias, pois os seus aspectos poderiam ser selecionados de outra maneira, devido, entre outros motivos, aos modos padronizados de se fazer as coisas e à subjetividade do autor. (Becker, 1993)

Entre as obras de Cyro, a Belo Horizonte das décadas de vinte e trinta ocupa um papel central no romance **O amanuense Belmiro** e nas memórias **A menina do sobrado**.

O amanuense Belmiro é considerado a sua obra principal, sendo também a mais conhecida. Seu personagem central, o burocrata Belmiro, divide sua vida entre a Rua Erê no bairro do Prado, onde mora com as irmãs, e a parte mais central da cidade, onde trabalha em uma repartição pública e se encontra com os amigos. Em casa, Belmiro se volta para o passado e sonha em escrever um diário sobre sua infância e adolescência; com os amigos, compartilha suas preocupações de caráter político e intelectual. Mas os amigos vão aos poucos se separando; o sonho de escrever sobre o passado frustra-se diante das insinuações do presente; assim também acontece com seus amores por mulheres inacessíveis e, quanto à sua vida, “encolhe-se na Rua Erê, como dentro de um caramujo” (1979a, p. 172). Belmiro vai abandonando a vida intelectual e pública, em troca do ambiente íntimo e pacato do seu bairro e da sua casa.

A menina do sobrado reúne suas memórias sobre a infância em Montes Claros e a mocidade em Belo Horizonte. É a sua obra mais rica em representações de Belo Horizonte.

A BELO HORIZONTE DO AMANUENSE BELMIRO

O cenário e os personagens de **O amanuense Belmiro** são tipicamente urbanos. Os lugares mais citados e freqüentados por Belmiro e seus amigos ficam na parte central da cidade, como o Parque Municipal, o Bar do Ponto, a Praça Sete, a avenida Afonso Pena, as ruas da Bahia, Guajajaras, Espírito Santo, Curitiba, entre outras. Mas nenhum desses lugares é representado com muitos detalhes, o que já

não ocorre com os personagens. Como na literatura modernista – e em oposição à literatura realista – a cidade não é o tema, mas o cenário da ficção. O interesse não é tanto pela cidade enquanto espaço físico, mas enquanto ambiente de novas experiências sociais.

Entre as obras modernistas mineiras que elegeram Belo Horizonte como um de seus cenários privilegiados, **O amanuense** é a que melhor representou a ambigüidade da cidade: moderna no plano urbanístico, mas tradicional na composição da sua população.³

Do alto da colina, contemplei Belo Horizonte, que apenas despertava. As cores, já vivas, do céu e a luminosa beleza da cidade feriram-me os olhos. Os edifícios suntuosos, os grandes jardins públicos, as retas avenidas situam Belo Horizonte fora dos quadros habituais de Minas. Dentro das casas mora, porém, o mesmo e venerável espírito de Sabarabuçu, Tejuco, Ouro Preto e de tantas outras vetustas cidades. (1979a, p. 88)

Apesar de o modernismo não ter se expressado em Minas com a mesma radicalidade que em São Paulo, e apesar, também, de sua tendência intimista (Candido, 1977 e Mourão, 1975), no que concerne às cidades a perspectiva de **O amanuense** é moderna.

Tentando reviver o passado no seu projeto de escrever um diário, ou refletindo sobre uma possível volta à cidade natal, a vontade de Belmiro se frustra, uma vez que o presente invade suas lembranças e faz com que sua cidade, a Vila Caraíbas, não seja mais a que ele traz na memória:

Não voltarei a Vila Caraíbas. As coisas não estão no espaço; as coisas estão é no tempo. Há nelas ilusória permanência de forma, que esconde uma desagregação constante, ainda que infinitesimal. Mas não me refiro à perda da matéria, no domínio físico, e quero apenas significar que, assim como a matéria se esvai, algo se desprende da coisa, a cada instante: é o espírito cotidiano, que lhe configura a imagem no tempo, pois lhe foge, cada dia, para dar lugar a outro, novo, que dela emerge. Esse espírito sutil representa a coisa, no momento preciso em que com ela nos comunicamos. Em vão o procuramos depois; o que, então, se nos depara é totalmente estranho.
Na verdade, as coisas estão é no tempo, e o tempo está é dentro de nós. (1979a, p. 73)

Apesar do tom melancólico dessa citação, a constatação de que as cidades estão em constante transformação é uma característica das representações da cidade moderna na literatura modernista, como nos mostra Scherpe: “The modern city exists only in rebuilding; transience is its form of existence (...) the transience of the city as its true character or as its significant lack of character”. (1992)

³ Sobre as representações de Belo Horizonte em João Alphonsus, ver Dias (1965), sobre as de Nava e Drummond, ver Andrade (1996).

A BELO HORIZONTE DAS MEMÓRIAS

Nas memórias de Cyro dos Anjos, a melancolia desaparece e Belo Horizonte é representada como um lugar a conquistar, até porque ele não queria retornar à sua cidade natal: “Não queria por forma nenhuma voltar ao balcão da loja ou ao laboratório da farmácia. Tomara pavor à pasmaceira de Santana”.⁴ (1979b, p. 208)

Cyro conheceu Belo Horizonte aos 11 anos, em uma viagem de férias que fez com o pai. Dessa viagem suas lembranças são extremamente positivas, principalmente em razão do impacto causado pela urbanidade da nova capital, já que ele ainda não conhecia cidade maior:

Via, embasbacado, colares de luzes, miríades de luzes, casas que pareciam desconhecidas, ruas que não tinham fim (...) e, finalmente, para liquidar de vez o coração cansado de tantas e simultâneas maravilhas, três ou quatro automóveis a atropelar os ares com suas buzinas (...). Eu só os conhecia pelas estampas das revistas, bem como aos bondes (...) (1979b, p. 122)

Os seus “pobres olhos afeitos aos lampiões de querosene de Santana” também foram surpreendidos pela água encanada, descarga, Nick Carter, vitrinas e cinemas. Trinta dias depois, ao retornar a Santana, sentira-se incompatibilizado com “toda a vida anterior”, que passou a ver de forma profundamente negativa:

Conheci, em profundidade, a desolação das ruas ermas, lambidas de sol, a feiúra das casas, o canto esmorecedor dos carros de bois a caminho do Mercado e a apatia das criaturas, tudo envolvido naquela universal poeira, que, de tão entranhada no cotidiano, permanecera até ali despercebida, senão tida como uma desgraça perpétua a pesar sobre o homem, como o pecado cometido no Éden. (1979b, p. 124)

Em 1923, quando se mudou para Belo Horizonte, a cidade continuou a encantá-lo, ainda que não causasse o mesmo impacto da primeira visita.

Apesar do encantamento, Cyro enfrentou várias dificuldades para se adaptar e se fixar na capital. Seus conterrâneos, que ele tanto esperara reencontrar, estavam mudados, deixando-o tão só como há dois anos atrás, quando partiram de Santana: “A pequena metrópole crescia, avolumava-se, esmagava-me. Magna civitas, magna solitudo, gemia um escritor antigo. Imersos no seu mundo novo, que nada tinha de comum com o meu, os amigos deixavam-me outra vez tão solitário (...)”. As luzes da cidade marcavam as diferenças com os amigos: “Suas pupilas haviam-se acomodado às luzes da Capital, as minhas, ainda não”. (1979b, p. 205)

Algumas de suas dificuldades eram de natureza econômica, mas as principais eram sociais. Ele sentia-se excluído de vários grupos: dos acadêmicos, por ser ainda um preparatoriano, de certos conhecidos que citavam Anatole France e Nie-

⁴ Santana, nome fictício para sua cidade natal, Montes Claros.

tzsche quando ele só conhecia Machado e Eça, das moças das famílias tradicionais: “Desprovido de atrativos (...) eu não era objeto do interesse dessas desalmadas (...)” (1979b, p. 278) e do aristocrático Clube Belo Horizonte.

Perdera Santana (...) e não conquistara aquela cidade hermética, esquiva. Boa vida levaria o felizardo ali nascido, que vivia no conchego da família, sem aberturas. E, por não ser um desconhecido como eu, tinha acesso mais fácil às pequenas que iam à segunda do Odeon ou ao footing da Praça. E, regalia suprema, podia freqüentar o Clube Belo Horizonte. (1979b, p. 250)

Alguns anos mais tarde, também se sentiu excluído do grupo modernista de Carlos Drummond de Andrade, que se reunia no café Estrela.

Entre as dificuldades encontradas estava a de conseguir um emprego, o que em geral dependia de influências políticas e/ou familiares e de uma atitude de subserviência que não estava disposto a assumir.

Se o esforço para fixar-se na capital mostrava um lado meio heróico de Cyro, quando ele lembrava de sua situação anterior, marcada por privilégios, tudo lhe parecia ainda mais penoso: “Em Santana, eu era filho do Presidente da Câmara, vivia encarapitado num fordeco de bigodes. Na Capital, não passava de anônimo auxiliar extra, intimidado pela verruga de um subinspetorzinho de reclamações”. (1979b, p. 230)

A perda de *status*, no entanto, era recompensada pelas experiências que só uma capital podia oferecer: maior acesso à informação e à cultura, contato pessoal com pessoas ilustradas: “Nesses encontros do Estrela e do Guarany ia-me rapidamente ilustrando nas coisas da literatura” (1979b, p. 272); vida mundana mais intensa e diversificada: “O que eu cobiçava (...) não era propriamente o diploma de bacharel, mas a Capital, o *footing* da Praça, a segunda sessão do Odeon, o cabaré da Olímpia, os cafés da Avenida” (1979b, p. 224) e menos sujeita aos controles baseados no conhecimento pessoal: “Cidade grande, sem os fuxicos, as mesquinhas de Santana”. (1979b, p. 300)⁵

Ainda que pouco povoada e provinciana, Belo Horizonte era, paradoxalmente, uma cidade de desconhecidos, como ele expressa nesta passagem em que procura explicar o desconhecimento seu e de seus amigos do grupo modernista de Carlos Drummond de Andrade: “Saber-se tão pouco sobre o grupo seria para admirar, tratando-se de cidade pequena, se ela não fosse tão fechada e cerimoniosa. Procediam, os seus moradores, de zonas diferentes de Minas; todo o mundo sentia-se forasteiro”. (1979b, p. 274)

O provincianismo fazia com que a cidade se transformasse em duas. A primeira, diurna, era hostil, e a segunda, noturna, acolhedora.

⁵ O acesso à vida mundana e menos controlada também aparece nesta passagem sobre os cabarés: “Mas cabaré, Santana, burgo pobre, não pudera ofertar aos meus dezessete anos. Escassos eram os noctívagos, vigilantes as matronas, e o Capitão Paulo Rego, delegado especial, detestava traviatas e esbórnias”. (1979b, p. 210)

Descendo as sombras, a Capital apagava os agravos reais ou imaginários que recebêssemos na faina diurna. Hostil era o dia. Representava a repartição, as aulas, o débito com o alfaiate, a pensão em atraso, o desdém das moças, o queixo empinado dos magnatas da política ou da Associação Comercial e, por fim, a turba fria, indiferente, amorfa. Entorpecida pelo sono, a desdenhosa cidade das horas diurnas entregava-se aos nossos braços. Tornava-se nossa, toda nossa (...) (1979b, p. 260)

Entre as representações de caráter negativo estão ainda as de Belo Horizonte como uma cidade parada, “cidade sem assunto” (1979b, p. 331), hostil e fechada: “(...) na álgida Belo Horizonte, não havia escoras” (1979b, p. 275-276) ou “sisudo cenário belo-horizontino, até ali dominado pela circunspeção dos próceres, pelo ar cerimonioso dos desembargadores e pela empáfia da Associação Comercial” (1979b, p. 327-8); ou ainda: “(...) isso era inconcebível naquela Belo Horizonte cerimoniosa, fechada (...)” (1979b, p. 356)

A rígida estratificação da cidade expressava-se no *footing* da Praça da Liberdade, cujas alamedas separavam os diferentes estratos sociais: “Na alameda à direita (...), caminhavam rapazes e moças de família; na esquerda, (...) criadas e soldados de polícia. Uma rua central (...) separava sociedade e plebe (...)” (1979b, p. 238).

CONCLUSÃO

A Belo Horizonte topográfica que encontramos na ficção de Cyro dos Anjos não difere substancialmente da Belo Horizonte das memórias. Ambas retratam a parte urbanizada e central da cidade onde se concentravam as moradias, as atividades de trabalho, intelectuais e de lazer dos estratos médios e altos da sociedade. Essa região, privilegiada pelos escritores, e circundada pela Avenida do Contorno, não coincidia com as fronteiras da cidade.

Essa cidade sem assunto, uma “metrópole de funcionários e estudantes” (1979b, p. 252) reflete, no caso das memórias, mais uma experiência social limitada aos estratos médios do que a realidade da cidade. A Belo Horizonte que conhecemos pela literatura modernista, afora a obra de Pedro Nava, é essencialmente uma cidade burocrática, devido, sobretudo, à não exploração por seus escritores das partes menos nobres da cidade. Apesar de ser a capital administrativa do estado, Belo Horizonte possuía, na década de vinte, um contingente de operários bastante superior ao de burocratas, além de outras profissões, ou seja, era bem mais diversificada socialmente do que aparece nessas representações literárias.

Os modernistas mineiros, ainda que críticos do provincianismo e do elitismo da cidade, não se opuseram radicalmente à elite. Cyro, ambivalentemente, acusa-a de fazer de Belo Horizonte uma cidade fechada e provinciana, mas lamenta sua exclusão desse grupo, principalmente por ter o seu acesso às moças freqüentemente negado. Não se nota, portanto, nenhum heroísmo nessa crítica, o que implicaria

uma recusa ao modo de vida das elites.

A modernidade ambivalente da cidade, tão bem representada por Cyro, expressa-se também na sua vivência urbana, avaliada, simultaneamente, como conquista e perda. Conquista de novas experiências pessoais e intelectuais, mas perda de *status* e antigos privilégios. O relativo anonimato foi experimentado às vezes positivamente, já que representava um enfraquecimento das formas de controle social baseadas no conhecimento pessoal, mas também negativamente, como exclusão e solidão.

A difícil e em muitos aspectos incompleta transição do país para a modernidade fez com que certas experiências modernas, que só os centros urbanos podem oferecer, tais como o maior anonimato, a convivência com uma diversidade de tipos sociais e a burocracia enquanto organização impessoal do trabalho, fossem vivenciadas no seu lado mais perverso, de exclusão e indiferenciação, fruto da permanência entre nós do provincianismo, do forte sentido de hierarquia e do predomínio das relações pessoais.

Baudelaire (1988) dizia que era preciso uma constituição heróica para enfrentar a vida moderna, dadas as suas condições adversas. Belmiro e Cyro não parecem portadores dessa constituição. Belmiro é alguém que se resigna e se afasta da vida pública e Cyro protesta contra uma elite (e suas moças) que não o aceitavam.

Cyro, como os demais modernistas mineiros, não foi um entusiasta da modernidade (ou, mais especificamente, dessa modernidade), ao contrário, olhou-a com certa desconfiança, seja por ela representar perda de privilégios com os quais os estratos médios estavam acostumados, seja porque, em algumas circunstâncias, suas conquistas lhe parecessem pouco convincentes e transformadoras.

ABSTRACT

This paper analyses the representations of Belo Horizonte in two works by the modernist writer Cyro dos Anjos, from Minas Gerais: the novel **O amanuense Belmiro** and his memoirs **A menina do sobrado**. In both, Belo Horizonte is the scenery for urban experiences of the character Belmiro (in fiction) and of Cyro himself (in the memoirs). Those representations are formulated with basis on the author's previous experience, as well as that of his character, in the provincial environment of small towns in the State of Minas Gerais.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Luciana Teixeira de. O espírito do modernismo. *Cadernos de Ciências Sociais*, Belo Horizonte, v. 4, n. 6, PUC Minas, dez. 1995.
- ANDRADE, Luciana Teixeira de. **Representações ambivalentes da cidade moderna**; a Belo Horizonte dos modernistas. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1996. (Tese, Doutorado em Sociologia)
- ANJOS, Cyro dos. **O amanuense Belmiro**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979a.
- ANJOS, Cyro dos. **A menina do sobrado**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979b.
- BAUDELAIRE, Charles. **A modernidade de Baudelaire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 6. ed., Petrópolis: Vozes, 1985.
- CANDIDO, Antonio. A autobiografia poética e ficcional na literatura de Minas. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, 4, 1997. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 1977.
- DIAS, Fernando Correia. **João Alphonsus; tempo e modo**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1965.
- MERTON, Robert K. **Sociologia; teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- MOURÃO, Rui. A ficção modernista de Minas. In: ÁVILA, A. (Org.). **O modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Cia das Letras, 1989. Prosa literária atual no Brasil.
- SCHERPE, Klaus R. Modern and postmodern transformation of the metropolitan narrative. *New German Critique*, n. 55, 1992.
- SCHUTZ, Alfred. **Estudios sobre teoría social**. Buenos Aires: Amorrortu, s.d.